

Trabalhos de memória sobre afrodescendentes no Paraná: análise de um texto autobiográfico de Zelador Cultural Candiero.

Maria Sueli Ribeiro¹

Resumo: Este artigo faz uma análise sobre biografia e autobiografia e, em seguida, analisa parte da obra *História e Cultura Afro-colombense: Rompendo o consenso da invisibilidade e a visibilidade do consenso* (CANDIERO, 2021), dentro do conceito de autobiografia. Para isso nos pautamos em pensadores como Philippe Lejeune, Jacques Le Goff e Jacques Revel. Na sequência do texto foi realizada uma discussão sobre o conceito de memória, partindo do pensamento de Maurice Halbwachs, Eclea Bosi, Michael Pollak e, novamente, de Jacques Le Goff. Conclui-se que Candiero, ao realizar um trabalho de memória e produzir uma narrativa autobiográfica, contesta narrativas e memórias públicas tomadas como verdade, no município de Colombo, trazendo à luz a presença afro-colombense, em busca da construção de um futuro em que possam ser rompidas as visões negativas e estereotipadas do negro, possibilitando, a partir disso, um esquema positivo de identidade.

Palavras-chaves: Autobiografia; Memória; Candiero.

Memory works about afro-descendants in Paraná: analysis of an autobiographical text by Zelador Cultural Candiero.

Abstract: In this article we discuss about biography and autobiography, afterwards, we analyze part of the literary work *História e Cultura afro-colombense: Rompendo o consenso da invisibilidade e a visibilidade do consenso* (CANDIERO, 2021), through the autobiography context. For this purpose, we guide ourselves into thinkers as Philippe Lejeune, Jacques Le Goff and Jacques Revel. Following it, we perform a discussion over the concept of memory, according to the idea of Maurice Halbwachs, Eclea Bosi, Michael Pollak, and once again Jacques Le Goff. We conclude that Candiero, by accomplish a work of memory and yield an autobiographic narrative contests narratives and public memories taken as truth, in the city of Colombo state of Paraná, highlighting the afro-colombian presence, attempting to the construction of a future where negative and stereotyped points of view regarding black people can breakthrough, allowing, based on this, a positive identity scheme.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História/UNICENTRO. Bolsista CAPES. Professora da Rede Municipal de Educação. E-mail: msr_historia@yahoo.com.br

Keywords: autobiography; memory; Candiero.

Introdução

Neste artigo analisamos parte do livro *História e Cultura Afro-Colombense: Rompendo o consenso da invisibilidade e a visibilidade do consenso*². Não se trata de uma análise extensa, da obra como um todo. Escolhemos focar na primeira parte, a qual classificamos como uma autobiografia.

Um dos principais teóricos do assunto, Philippe Lejeune, descreve autobiografia como *“relato retrospectivo en prosa que una persona real hace de su propia existência, poniendo énfasis em su vida individual y, em particular, em la história de su personalidad”*³.

É isso que encontramos na obra de Candiero, especialmente entre as páginas dezessete a quarenta e um, foco da análise. Obviamente, não estamos descartando a qualidade literária, e mesmo documental, do restante da obra que, ao contrário, é extremamente interessante, pois contém uma narrativa sobre a formação étnica do município de Colombo/PR, a partir da presença negra.

Cabe ressaltar, inicialmente, que não buscamos elaborar uma narrativa cujo principal objetivo seria a busca de dignidade ao autor/poeta. Essa dignidade está construída por sua experiência de vida – a de um autor negro com trajetória em um estado onde a branquitude foi, e é, valorizada, ora aberta, ora veladamente -, e pela qualidade da sua obra.

Joseli Maria Nunes Mendonça, na apresentação do livro que ora analisamos, destaca que “podemos ler também o registro das experiências pessoais do autor pautadas pela resistência e pela tessitura de uma identidade positiva, efetivada no encontro com a música, com a dança, com a capoeira; construída no convívio respeitoso e partilhado com outros jovens”⁴.

² CANDIERO, Adegmar José, REINEHR, Melissa. *História e cultura afro-colombense: rompendo o consenso da invisibilidade e a visibilidade do consenso*. Colombo: Editora Humaita, 2021.

³ LEJEUNE, Philippe. El pacto autobiográfico. In: DOBARRO, Ángel Nogueira (Org.). *La autobiografía y sus problemas teóricos*. Barcelona: Antropos, 1991, p. 48.

⁴ MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. Apresentação. In CANDIERO, Adegmar José, REINEHR, Melissa. Op. Cit., p. 7-8

Para além da qualidade literária, as reminiscências de Candiero, sejam elas pautadas em memórias que relembram momentos de descontração, ou em memórias sensíveis, que serão analisadas, buscam conscientizar, instrumentalizar seus irmãos para a luta, para a resistência, com palavras, com ações e atitudes, que culminem na visibilidade afro-colombense; e na dignidade da população negra com um todo.

O trecho escolhido para o trabalho será analisado a partir de autores de referência nas temáticas biografias – e autobiografias -, e memória. Ao trabalhar com biografia nos pautamos nos trabalhos de Philippe Lejeune, Jacques Le Goff⁵ e Jacques Revel⁶; para o tema memória nos amparamos nas obras de Maurice Halbwachs⁷, Ecléa Bosi⁸ e Jacques Le Goff.

Biografia e autobiografia

Durante muito tempo, seguindo a tradição da Escola de *Annales*, os historiadores trataram com ressalvas o estudo de biografias e suas variações, como autobiografias. Recentemente, entretanto, o tema voltou a fazer sucesso na área, inclusive sendo trabalhado por historiadores fortemente ligados à tradição dos *Annales*, como Jacques Le Goff, que escreveu o clássico “São Luís: Biografia”⁹. Nas palavras de Jacques Revel “após um longo período de desgraça, durante o qual os historiadores se interessaram pelos destinos coletivos, o indivíduo voltou hoje a ocupar lugar central em suas preocupações”¹⁰.

Antes de se falar em “retorno da biografia” (como já se falou de um “retorno da política”) à preocupação da historiografia, é preciso atentar que o entendimento dessa área, atualmente, vem carregada dos avanços que a ciência histórica foi incorporando ao longo dos anos. Isto é, ninguém está voltando a

⁵ LE GOFF, Jacques. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990

⁶ REVEL, Jacques (org). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Tradução: Dora Rocha. - Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998

⁷ HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. Tradução: Laurent Léon Schaffter. São Paulo. Ed. Vértice, 1990.

⁸ BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade*. Lembranças dos velhos. 3º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

⁹ LE GOFF, Jacques. *São Luís – biografia*. Rio de Janeiro, Record, 2002.

¹⁰ REVEL, Jacques (org). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Tradução: Dora Rocha. - Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 225.

fazer biografias e análise de biografias (entre os historiadores) da forma como se fazia em períodos passados. Os historiadores que se debruçam sobre o tema utilizam os avanços e métodos mais recentes. É o retorno de um tema, não de um método.

Jacques Le Goff assinala que “a biografia histórica deve se fazer, ao menos em certo grau, relato, narração de uma vida, ela se articula em torno de certos acontecimentos individuais e coletivos – uma biografia não *événementielle* não tem sentido”.¹¹ Vemos aqui que o “acontecimento”, descartado pela história estruturalista e serial, também recebe uma nova dignidade no fazer historiográfico.

De outra escola, a da micro história à italiana, Giovanni Levi e Carlos Ginzburg, da França Jacques Revel, dos Estados Unidos Natalie Zenon Davis, são exemplos de historiadores renomados que produziram excelentes trabalhos de referência na área. Para Levi:

[...] a biografia constitui, na verdade, o canal privilegiado através do qual os questionamentos e as técnicas peculiares da literatura se transmitem à historiografia. Muito se debateu sobre esse tema, que concerne sobretudo às técnicas argumentativas utilizadas pelos historiadores. Livre dos entraves documentais, a literatura comporta uma infinidade de modelos e esquemas biográficos que influenciariam amplamente os historiadores¹².

A Literatura tem se tornado uma companhia constante dos profissionais da História que se voltam para essa temática. Levi ressalta o papel dos modelos e esquemas, muitas vezes utilizados nas técnicas de escrita que tornam o trabalho mais atraente do ponto de vista estético.

Se as biografias de outras épocas focavam a vida dos “grandes homens” e procuravam descrevê-las como modelos a serem seguidos, muito por se aproximar da tradição hagiográfica¹³, hoje a vida dos homens – e mulheres –

¹¹ LE GOFF, Jacques. *Comment écrire une biographie historique aujourd'hui? Le Débat*, n. 54, mar./abr. 1989, p. 49-51.

¹² LEVI, Giovanni. Os usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996. p. 168.

¹³ Biografias ou história dos santos. Ver LUFT, Celso Pedro. *Minidicionário Luft*. São Paulo: Ática, 2000. p. 364.

comuns (Foucault diria “infames”¹⁴), passa a ganhar bastante espaço; caso clássico é o *Menochio* de Ginzburg.

Sejam as grandes figuras, como o rei Luís, de Le Goff, ou as pessoas comuns, estamos cada vez mais conscientes da armadilha que é tentar descrever uma vida como um projeto, isto é, tentar criar uma cronologia precisa, como se todos os atos do biografado levassem a determinados desfechos previsíveis de antemão. Avelar ressalta que o historiador precisa estar atento pois, “os vários aspectos de uma vida não são suscetíveis a uma narração linear, não se esgotam numa única representação, na ideia de uma identidade. [...] a uma vida marcada por regularidades, repetições e permanências”¹⁵.

A vida é marcada por altos e baixos, por momentos de alegrias e tristezas, carregada de subjetividade própria do ser humano, com todas as suas particularidades e emoções. Por isso o historiador, ao se debruçar em uma escrita de biografia, deve se questionar: Quem é este personagem? Este sujeito? Que emoções carrega consigo? Quais são suas dores e suas ambições? Isto para evitar cair em uma “ilusão biográfica”, nos termos de Pierre Bourdieu.

Estes questionamentos também precisam ser feitos em relação a autobiografias, afinal, as lembranças individuais fazem parte da pessoa e estão inseridas em um contexto histórico, social, cultural. Neste sentido, o que este autor/narrador/personagem quer deixar de suas memórias? Que imagem ele quer criar de si? Para Benito Schmidt, “nas autobiografias e memórias o sentido de verdade está muito ligado à noção de sinceridade, de deixar falar o eu mais profundo”.¹⁶

Assim como a subjetividade está presente na biografia, onde alguém narra a vida de outra pessoa, na autobiografia, também esta questão está presente. Como sugerem Santos e Torga:

¹⁴ FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. In: _____. *Estratégia, poder-saber*. Ditos e escritos IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 203-222.

¹⁵ AVELAR, Alexandre. *A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões* Dimensões, vol. 24, 2010, p. 162.

¹⁶ AVELAR, Alexandre; SCHMIDT, Benito Bisso. Dois historiadores falam sobre biografia e escrita biográfica (Entrevista). Entrevista concedida a Bruno Leal Pastor de Carvalho. **In:** *Café História – história feita com cliques*. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/biografia-e-escrita-biografica/>. Acesso em: 27 de jul. de 23. s.p.

Vemos então nascer outra forma de narrativa autorreferente, que pauta uma subjetividade a revelar sua intimidade, a compartilhar com sua coletividade aquilo que a preocupa, que acredita, a vivência que resulta das marcas da ação do tempo, da história e das interações sociais sob o cotidiano de indivíduos em sua singularidade¹⁷.

Essas subjetividades que são narradas, voltam-se para si, para o seu autoconhecimento, para a análise de experiências vividas pelo autor, e que se perpetuam através da escrita.

Ainda para Santos e Torga, em consonância com o pensamento de Bakhtin, o autor, ao narrar o seu pensamento, precisa analisar com cuidado os eventos pelos quais passou, pois vai

[...] distanciar-se de seu eu atual e mergulhar no espaço da memória para trazer à tona as experiências outrora vivenciadas, deixando que seu excedente de visão, dada a sua extraposição em relação a si mesmo, lhe permita reconstruir o já vivido sob um olhar ressignificado. Dessa forma, as experiências são transmitidas com tons diferentes, já que o eu que as revisita se encontra num estado de acabamento distinto daquele que as vivenciou¹⁸.

Também Maurice Halbwachs, estudioso da memória explica que

Frequentemente, é verdade, tais imagens, que nos são impostas pelo nosso meio, modificam a impressão que possamos ter guardado de um fato antigo, de uma pessoa outrora conhecida. Pode ser que essas imagens reproduzam mal o passado, e que o elemento ou a parcela de lembrança que se achava primeiramente em nosso espírito, seja sua expressão mais exata: para algumas lembranças reais junta-se assim uma massa compacta de lembranças fictícias.¹⁹

No caso do autor e obra que optamos por estudar, tivemos cuidado com as possíveis “traições” da memória. As reminiscências que o autor escolheu compartilhar, e a forma que deu às suas lembranças, trazem todo um “trabalho de memória” ao qual importa estarmos atentos a partir das ferramentas teóricas mencionadas. Se estas preocupações da análise não fazem necessariamente

¹⁷ SANTOS, Yuri Andrei Batista e TORGA, Vânia Lúcia Menezes. *Autobiografia e (res)significação / Autobiography and (Re-)Signification Bakhtiniana*, São Paulo, 15 (2): 119-144, abril/jun. 2020. p. 140.

¹⁸ Idem. p. 135.

¹⁹ HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. Tradução: Laurent Léon Schaffter. São Paulo. Ed. Vértice, 1990. p. 28.

parte do trabalho do autor ao gravar suas reminiscências no livro, elas não podem estar ausentes do historiador que as analisa.

A memória como espaço de ressignificação

Zelador Cultural Candiero, batizado de Adegmar José da Silva é bastante conhecido como ativista da causa negra. Em seu *blog*, o poeta se apresenta como capoeirista: “[...] batuqueiro, idealizador do Centro Cultural Humaitá²⁰, atua como um griô²¹ contemporâneo, contador das histórias da presença negra em Curitiba, na Linha Preta Curitiba”²². Estudante de Ciências Políticas. Candiero também é músico, escritor, membro da Feira do Poeta, do Centro de Letras do Paraná e proprietário da Editora Humaitá. Candiero também atua como Conselheiro Municipal e Estadual de Políticas de Promoção da Igualdade Racial e no Conselho Nacional de Políticas Culturais, representando o Setorial de Culturas Afro-brasileiras no Conselho Pleno. Além disso, o Centro Cultural Humaitá já recebeu diversos prêmios e homenagens²³ como:

Homenagem ao Movimento Negro de Curitiba, da Câmara Municipal de Curitiba; Prêmio Agente Jovem de Cultura, do Ministério da Cultura; Prêmio Pablo Neruda de Direitos Humanos, da Câmara Municipal de Curitiba; Prêmio Cultura e Divulgação, da Câmara Municipal de Colombo; Prêmio Cultura e Divulgação, da Câmara Municipal de Curitiba; Prêmio Juventude Viva, do Ministério da Justiça; Prêmio Papa João Paulo II, da Câmara Municipal de Curitiba; Conselheiros Municipais de Políticas para a Infância e a Adolescência; Associação Literária Lapeana.

Tais prêmios não são direcionados especificamente à pessoa de Candiero, mas ao projeto que ele representa. Segundo ele, “resolvemos começar a contar nossa história a partir da nossa realidade local. Percebemos que as estantes paranistas e os escritores paranaenses em geral não

²⁰ O Centro Cultural Humaitá é uma entidade sem fins lucrativos que atua desde 2006 para a valorização e visibilidade da arte e da cultura afro em Curitiba e no Paraná. O Centro Cultural Humaita está registrado sob CNPJ 2.499.427/0001-65 e possui Utilidade Pública Municipal e Estadual. Disponível em: <https://informativocentroculturalhumaita.wordpress.com/centroculturalhumaita/>. Acesso em: 30 de ago. 2021.

²¹ Contadores de histórias de algumas tradições culturais africanas.

²² Disponível em: <https://sites.google.com/view/blog-do-candiero-biografia/biografia-andiero?authuser=1>. Acesso em: 24 jan. 24.

²³ Informações disponíveis no site: Prêmios e títulos recebidos. Disponível em: <https://informativocentroculturalhumaita.wordpress.com/premios-e-titulos-recebidos/>. Acesso em: 24 jan. 2024.

contemplam a presença negra”²⁴. Nascido em Goioerê, na década de 70, filho de pai e mãe negros, Candiero foi registrado como pardo. Ele compreende o significado dessa classificação, à época, como “[...] parte do processo de embranquecimento da nação”²⁵. Com o passar do tempo, no entanto, ele assumiu sua negritude: “eu sou preto e com orgulho”²⁶.

Enquanto escritor, o seu *eu enunciator* aborda temas como as dificuldades, discriminações, lutas e conscientização dos negros e mulatos, fazendo referência a contextos históricos sobre a formação étnica, cultural e religiosa, do Brasil e do Paraná.

Ativista do movimento e guardião da memória do povo negro no estado do Paraná, Candiero já concedeu diversas entrevistas: no Programa “Meu Paraná”, apresentado pelo canal RPC, no dia 20/12/2014; à Rádio CBN Curitiba, no dia 20/11/20; e para a Rádio Notícias, do canal Paraná Educativa, ligada a Secretaria da Comunicação Social, em 13 de janeiro de 2020.

De acordo com Santos:

O poeta procura manter vivas as tradições, os costumes, herdados de seus antepassados, através de projetos organizados e selecionados pelo Centro Cultural Humaitá para o trabalho com crianças e adolescentes na área da educação; atua como coordenador dos saraus de poesia cujo objetivo é mostrar a poesia negra e dá visibilidade aos poetas negros; além de organizar as comemorações religiosas e festivas da negritude em solo paranaense²⁷.

É possível dizer que toda sua trajetória de luta, de resistência, de militância, de visibilidade afroparanaense pode ser encontrada em sua própria poesia, e em sua autobiografia.

No livro *História e cultura afro-colombense: rompendo o consenso da invisibilidade e a visibilidade do consenso*²⁸, Candiero faz uma pequena

²⁴ MACHADO, Rodrigo Vasconcelos (org). *Atas do III Simpósio Internacional de Literatura Negra ibero-americana*. Curitiba: UFPR/SCHLA, 2017. p. 470.

²⁵ CANDIERO, Adegmar José, REINEHR, Melissa. *História e cultura afro-colombense: rompendo o consenso da invisibilidade e a visibilidade do consenso*. Colombo: Editora Humaita, 2021. p. 18.

²⁶ Idem.

²⁷ SANTOS, Romilda Oliveira. Zelador Candiero, a poesia como forma de resistência. In: RAGGIO, Ana Zaiczuk, BLEY, Regina Bergamaschi, TRAUZYNSKI, Silvia Cristina. *Abordagem histórica sobre a população negra no Estado do Paraná*. V.2, Curitiba: SEJU, 2018. p. 171.

²⁸ CANDIERO, Adegmar José, REINEHR, Melissa. *História e cultura afro-colombense: rompendo o consenso da invisibilidade e a visibilidade do consenso*. Colombo: Editora Humaita, 2021.

autobiografia, começando por sua saída e de sua família de Goioerê, cidade do interior do Estado do Paraná, com destino a Curitiba, aos três anos idade, estabelecendo-se no município de Colombo, região metropolitana da capital, passando por lembranças de sua infância e juventude, no Bairro Jardim Osasco.

Retomando o pensamento de Lejeune sobre a identificação e classificação de uma autobiografia, o ponto inicial seria a introdução da palavra na primeira pessoa do singular, ou seja, “eu”, articulando a narração entre a identidade do autor, do narrador e do personagem principal, sob a ideia de autodiegese, onde o narrador conta a sua própria história.

A presença do “eu”, pode ser encontrada em diversas partes do texto de Candiero: “eu sempre quis saber quem tinha morado aqui antes de nós e descobri que desde os primeiros povoados, fazendas e sítios, havia, e há, presença africana”²⁹, “eu nasci”, “eu lembro”, “eu falei”, “eu precisava”, “hoje, eu me dou conta [...]”³⁰. Estes exemplos, tomando a definição de Lejeune, nos levaram a classificar o texto na categoria de autobiografia.

Seguindo a reflexão de Frotscher e Olinto:

Escrever memórias autobiográficas é, à primeira vista, uma tentativa de estabilizar um sentido de auto reconhecimento. Responder a pergunta sobre quem se é, dando sentido a um quem se foi. Uma identidade frágil, que se reconhece pela memória narrada. É também uma tentativa de intersubjetividade de uma experiência até então subjetiva. É uma narrativa para um outro³¹.

Rememorar é buscar, no passado, significações, seja pensando no presente, no futuro, ou mesmo em ambos ao mesmo tempo. Neste processo é preciso considerar, conforme ressaltam Karnal e Neto, que a “[...] memória não é um conceito estático, mas fruto de inúmeros processos históricos [...]”³². Isto é, as interferências estarão como sombras nebulosas, não permitindo lembrar dos

²⁹ Idem, p. 17.

³⁰ Ibidem, p. 17-24.

³¹ FROTSCHER, Méri e OLINTO, Beatriz Anselmo. Narrativas de sofrimento, narrativas de formação: reflexões sobre a autobiografia de uma refugiada da Segunda Guerra Mundial In: MARMITT, Wadi, Yonissa (org.). *Narrativas sobre loucuras, sofrimentos e traumas*. Curitiba: Máquina de Escrever, 2016. p. 205.

³² KARNAL, Leandro e NETO, José Alves de Freitas (orgs). *A escrita da História: interpretações e análises documentais*. São Paulo. Instituto Cultural Banco Santos, 2004. p. 19.

fatos com clareza; portanto, ela não segue em linha reta, cada lembrança pode ser uma porta para novos caminhos. Mesmo que o sujeito a lembrar tenha sido o mesmo que viveu os fatos.

Paul Ricoeur ressalta que:

[...] a “rememoração” [...] proporciona o sentimento da distância temporal; mas ela é a continuidade entre presente, passado recente, passado distante, que me permite remontar sem solução de continuidade do presente vivido até os acontecimentos mais recuados da minha infância.³³

Estabelecer um diálogo com seu passado, com lembranças que hoje fazem parte apenas de sua memória, que nem sempre (ou quase nunca) serão a realidade fiel dos fatos, requer trabalho. Como explica Ecléa Bosi, no seu clássico *Memória e sociedade: lembranças de Velhos*, “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho”.³⁴

Oliveira, Rosa e Mariano, sugerem que “a memória é, pois, o veículo transmissor da informação e do conhecimento produzido”³⁵. Mas esse transmissor não pode cumprir com exatidão o papel de associar lembrança e fato. O produto que chega ao final do caminho que ele percorre não consegue ser idêntico ao que ele tentou buscar no passado.

Aqueles acontecimentos, muitas vezes esquecidos ou conservados nas profundezas da memória, são avivados na consciência atual, mas não por acaso. Bosi sugere que “se lembramos, é porque os outros, a situação presente, nos faz lembrar: “o maior número de nossas lembranças nos vem quando nossos pais, nossos amigos, ou outros homens, no-las provocam”.³⁶ De certa forma, podemos dizer que os trabalhos de memória não são fortuitos. Possivelmente, as memórias mais elaboradas, mais bem organizadas em sequência narrativa pelo

³³ RICOEUR, Paul. *Entre mémoire et histoire*. Projet, Paris, n.248, 1996, p. 8.

³⁴ BOSI, Ecléa. Op.cit. 2004. p.55.

³⁵ OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de, ROSA, Maria Nilza Barbosa, MARIANO, Nayana Rodrigues Cordeiro. *Espaços da Recordação: formas e transformações da memória cultural*. RACIn, João Pessoa, v. 5, n. 1, p. 1-6, jan./jun. 2017. p. 2.

³⁶ BOSI, Ecléa. Op.cit. p.54-55.

eu narrador, são aquelas que ele pode compartilhar para as pessoas – que não são ele – e que ajudam a provocá-las.

Isso não significa que se constroem “trabalhos de memória” apenas sobre boas lembranças. É perfeitamente possível fazer isso para contestar memórias construídas com viés excludente. No presente caso, trata-se de uma obra de rememoração que procura contrapor-se a outra obra, o *Guia Histórico Cultural de Colombo*³⁷, lançado em 2011, pela Prefeitura da cidade. Nesse material do poder público, Candiero diz ter observado a exclusão da população afrodescendente; o que o teria motivado a escrever suas memórias como uma prova de que ele, e os seus, estavam lá também.

Essas memórias construídas com viés excludente, são aquelas consideradas dominantes ou Memórias Públicas, como define o Grupo Memória Popular³⁸. Esse grupo surgiu ligado ao Centro de Estudos Culturais Contemporâneos de Birmingham. Na década de 80, o mesmo expressou críticas à prática da História Oral. De acordo Alistair Thomson “esse grupo estava interessado mais especificamente na relação entre reminiscências e relatos coletivos sobre o passado e nas ligações entre nacionalismo, nostalgia e reminiscências”³⁹. Para eles, a abordagem de Memórias Públicas e/ou Memória Popular, pode trazer significados diferentes sobre determinadas reminiscências, e mesmo sobre as maneiras pelos quais se busca dar sentido ao passado, isto é, sobre o que cada uma dessas memórias busca lembrar.

Memórias Públicas são representações sobre um passado “ocupado por muitos atores que, muitas vezes, falam a partir de *scripts* contraditórios, mas denominaremos o conjunto dos elementos que constituem essa esfera histórica pública e controlam o acesso aos meios de publicação de aparato histórico”.⁴⁰ Dito de outra forma, é “o campo das representações públicas da história”.⁴¹ É

³⁷ COLOMBO, Prefeitura de. *Guia Histórico Cultural de Colombo*. 2º ed. 2011.

³⁸ Grupo composto por Michael Bommers, Gary Clarke, Graham Dawson, Jacob Eichler, Thomas Fock, Richard Johnson, Cim Meyer, Rebecca O’Rourke, Rita Pakleppa, Hans-Erich, Morten Skov-Carlsen, Anne Turley e Patrick Wright. Ver GRUPO MEMÓRIA POPULAR. Memória popular: teoria, política, método. In: FENELON, Déa Ribeiro et alii (Orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho D’Água, 2004. p. 282.

³⁹ THOMSON, Alistair. *Recompondo a Memória*: questões sobre a relação entre História Oral e as memórias: Projeto, São Paulo, (15), abr. 1997, p. 52-53.

⁴⁰ GRUPO MEMÓRIA POPULAR. Memória popular: teoria, política, método. In: FENELON, Déa Ribeiro Op.cit. p. 284.

⁴¹ Idem.

isto também que encontramos no documento *Guia Histórico Cultural de Colombo* (2011); é a (re)construção de uma Memória Pública e o fortalecimento de um viés ideológico que reforça a exclusão de grupos marginalizados.

Alistair Thomson ao estudar a lenda do Anzac⁴², nos apresenta o conceito de Memória Pública. Ele analisa a criação de um mito, das comemorações que exaltam o “Dia do Anzac, em 25 de abril de cada ano”⁴³, com passeatas e celebrações. Indo além, o historiador nos apresenta também a noção de Memória Popular.

Ao entrevistar sobreviventes da Grande Guerra, Thomson parte desta noção que, para o Grupo Memória Popular, seria “o conhecimento do passado e do presente”⁴⁴ que “também é produzido no transcorrer da vida cotidiana”.⁴⁵ Ele constatou que as reminiscências dos sobreviventes eram diferentes daquilo que foi construído, na memória pública, sobre os veteranos da guerra.

Para o Grupo Memória Popular:

Mais importante, talvez, é a forma pela qual nos tornamos autoconscientes da formação de nossas crenças de senso comum, aquelas de que nos apropriamos dentro do nosso meio social e cultural imediato. Estas crenças têm história e também são produzidas em determinados processos. O importante é resgatar seu ‘inventário’, não como faz o folclorista que quer preservar maneiras antiquadas e pitorescas para a modernidade, mas para que, conhecendo suas origens e tendências, estas possam ser *conscientemente* adotadas, rejeitadas ou modificadas. Assim, uma historiografia popular, especialmente a história das formas mais comuns de consciência, é um aspecto necessário na luta por um mundo melhor⁴⁶.

Nesse sentido, a memória de Candiero, caracterizada aqui como Memória Popular, traz outras narrativas à tona, ao mesmo tempo em que questiona aquelas já construídas. O poeta traduz, a partir do presente - e de um passado

⁴² DE ACORDO COM A “LENDA DO ANZAC”, durante a Grande Guerra de 1914 a 1918, os soldados australianos provaram a si mesmos e ao resto do mundo que a nova raça de homens anglo-celtas do sul tinha o valor equivalente aos homens das demais nações do mundo. Galipoli, onde pela primeira vez os australianos entraram em batalha, em 25 de abril de 1915, foi vista como o batismo de fogo da nova Commonwealth australiana. (THOMSON, Alistair. *Memórias de Anzac: colocando em prática a teoria da memória popular na Austrália*. Tradução de André C. Gattaz e Meire T. M. Soares. HISTÓRIA ORAL, 4, 2001, p. 85).

⁴³ Idem.

⁴⁴ GRUPO MEMÓRIA POPULAR. *Memória popular: teoria, política, método*. In: FENELON, Déa Ribeiro et al (Orgs.). Op.cit. p. 284.

⁴⁵ Idem.

⁴⁶ Idem. p. 287.

recente -, a presença negra no Jardim Osasco, indo na sequência para um passado distante (buscando nas raízes da História a presença africana em Colombo). Em seguida, volta-se novamente para o presente, em busca de novos horizontes, a partir da construção de novas narrativas.

Candiero faz uso de diversos recursos narrativos, como é possível verificar a seguir, quando procura mostrar que existem muitas pessoas e famílias negras na comunidade, das quais busca listar os nomes das pessoas ou responsáveis por estas. Indicando algumas sobre as quais a prefeitura silenciou:

Há muitas famílias negras no Jardim Osasco: a nossa, a do Dolfo, do Edno, do Laercio, do Sr Caetano, da D. Rita, do Juarez, o Zinho, do Sr Romualdo, pai do Carlos, da D. Alice, mãe do Alta, do Donias, do Gerson, do Jairzão, do Danilo, do Matias do mercado, do Chico e da D. Mercedes, do Sr Otacílio da Cruz. Do Nilson e do Sebastião Oliveira, do Sidval, do Nivaldo Farias, nego Mussa, do B.A., do Gilson Inácio, do Natanael Ribas, do Marielson Almeida, do Cristiano geleia, do Adilson, do Marcão, do Nego Pita, do Serginho, do Airton, filho do seu João doceiro, dos Turora Dias, do Valmor, do Vanderlei Souza, o Pelé, do Leco e da Maninha, do Severino, do Luiz Negão, do Joãozinho e da Cenira... É muita gente e não estão todos citados, apenas alguns contemporâneos mais próximos.⁴⁷

Ele procura trazer aos moradores do Paraná, e de Colombo, alguns dos “Excluídos da História”⁴⁸ (1988), na expressão de Michelle Perrot. Para além disso, ele representa aquilo que Michael Pollak denomina de memórias subterrâneas “que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “Memória oficial” [...]”.⁴⁹

Pollak lembra também que “as memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível, afloram em momentos de crise, em sobressaltos bruscos e exacerbados”⁵⁰ ou em momentos em que novas cartas são dispostas à mesa, possibilitando questionar as cartas já marcadas, isto é, narrativas tomadas como verdades.

⁴⁷ CANDIERO, Adegmar José, REINEHR, Melissa. Op. Cit., p. 26.

⁴⁸ PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Tradução: DENISE Bottmann. Rio de Janeiro: editora Paz e Terra, 1988.

⁴⁹ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 2.

⁵⁰ POLLAK, Michael. Op. Cit., p. 3.

Nesse sentido, precisamos estar atentos também ao fato de que a memória pode servir a fins políticos, na melhor expressão do termo. O trecho a seguir ajuda a ilustrar essa questão com precisão. Segundo Candiero

Em 1983, quando eu comecei a ter contato com a cultura, quando foi criada a Lei 10.639 que determina a inserção da história e cultura africana e afro-brasileira em sala de aula, foram 20 anos de vivência e pesquisa da nossa história. Mesmo sendo novo, sendo menino, eu me vi obrigado a contribuir e compartilhar um pouco de tudo o que aprendi.⁵¹

Nesta passagem o autor está explicando que se passaram 20 anos entre o momento em que ele começou a ter contato com a cultura afrodescendente, e a publicação da lei brasileira que obriga o ensino dessa cultura nas escolas do país. A questão, do ponto de vista político, é que a criação da lei deu mais força e visibilidade a uma luta que já vinha sendo realizada desde muito tempo. É uma nova carta sendo jogada sobre a mesa, e que ajuda a alterar significativamente o jogo.

É uma carta cuja função é permitir às memórias subterrâneas a dignidade de adentrar o espaço público, o ensino oficial, como lembranças dignas de serem ensinadas e aprendidas. Pollak sugere que “uma vez rompido o tabu, uma vez que as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa da memória [...]”⁵². Embora as consequências sejam naturalmente imprevisíveis, é fato que buscar inserir os excluídos – no caso os afrodescendentes – na memória do município, do estado, do país, é o tipo de atitude, com respaldo acadêmico e político, que pode alterar o “jogo” da discriminação, silenciamento e preconceito das memórias oficializadas.

Outras passagens da memória do poeta relembram fatos que serviram como epifanias, momentos de revelação e tomada de consciência de si e do mundo. Primeiro do contato com a capoeira, “a experiência com a capoeira foi um rito de passagem, um divisor de águas para mim [...]”⁵³e ele continua

⁵¹ CANDIERO, Adegmar José, REINEHR, Melissa. Op. Cit., p. 40.

⁵² POLLAK, Michael. Op. Cit., p. 3.

⁵³ CANDIERO, Adegmar José, REINEHR, Melissa. Op. Cit., p. 22

aquela música mexeu comigo, me tocou, tomou conta de mim. Eu lembro de todas as cantorias, eu decorei todas. Foi uma coisa que me pegou, me arreventou e me colocou no meu lugar. A capoeira me chocou. É a minha herança ancestral. E eu estava só olhando⁵⁴.

Depois o papel de duas professoras, que são tratadas, provavelmente, com os nomes verdadeiros. Primeiro a professora Heloísa, mulher negra, a quem o poeta trata com zelo e carinho, depois a professora Elisabete,

a professora Heloísa, que foi uma mãe pra nós e fez toda a diferença. A gente se destacava no esporte e na dança e ela via aquela molecada do gueto, da periferia, se dedicando, dançando na hora do recreio, dançando antes da aula, nos encontros de cultura da escola e começou a nos incentivar a desenvolver os nossos dons e mostrar os nossos talentos.

E depois teve a professora, Elisabete, de matemática, que comprou um disco do Modern Talking⁵⁵ e nos deu de presente. Era um disco duplo, que a gente não teria dinheiro para comprar, a gente nem saberia onde comprar aquilo⁵⁶.

O samba também teve sua significância. Embora a princípio não fosse o lado forte do poeta, abriu sua mente na maneira de olhar para si, para a sociedade, para a forma como os negros foram vistos, retratados e tratados no decorrer da História,

o samba estava longe de mim. Isso mudou quando eu comecei a escutar o enredo da Mangueira gritando: “o negro samba, o negro joga capoeira, ele é rei da verde rosa da mangueira” e outras coisas, como, “será que já raiou a liberdade ou foi tudo ilusão”. Estamos em 1987 e a nossa história e filosofia estava sendo ensinadas em sambas, no rap, e em músicas de capoeira e candomblé.⁵⁷

Candiero faz relatos também sensíveis sobre sua trajetória de vida, a qual podemos relacionar novamente ao pensamento de Halbwachs, no livro *Memória Coletiva* (1990). Segundo esse autor, a criança está habituada a analisar os objetos a partir dos ensinamentos de seus pais, porém, em muitos momentos

⁵⁴ Idem, p. 23.

⁵⁵ Foi uma dupla alemã, que fez sucesso nos anos 80 e 90, composta pelos músicos Thomas Anders e Dieter Bohlen.

⁵⁶ CANDIERO, Adegmar José, REINEHR, Melissa. Op. Cit., p. 25.

⁵⁷ Idem, p. 35.

ela irá se deparar com situações “novas e inquietantes”, que podem ser vistas com um delineamento “para a vida adulta”. Em suas palavras:

Adulto, vinha sê-lo no sentido que não estando os seus mais ao seu alcance, encontra-se diante de objetos que lhes eram novos e inquietantes, [...]. Há aliás, através de toda a infância, muitos momentos em que encaramos assim o que não é mais da família; ou porque nos chocamos, ou porque nos ferimos ao contato dos objetos, ou porque devamos nos submeter e vergar à força das coisas, ainda que passemos inelutavelmente por uma série de pequenas experiências que são como uma preparação para a vida adulta: é a sombra que projeta sobre infância a sociedade dos adultos, e mesmo mais do que uma sombra, uma vez que a criança pode ser chamada a tomar sua parte em cuidados e responsabilidades cujo peso recai de ordinário sobre ombros mais fortes que os seus [...].⁵⁸

Tomar responsabilidade para si, ser incluído em grupos de pessoas mais velhas, com outros objetivos, deixando assim de ser criança, ou no caso de Candiero, usando a nomenclatura atual, adolescente⁵⁹, é uma experiência a ser relatada.

A gente ia trabalhar lá no Sítio Cercado e no Santa Quitéria, em uma Kombi lotada, duas ou três pessoas na frente, mais nove ou dez atrás. Trabalhava o dia inteiro carregando pedra e, na volta, só pensava em ir para a capoeira, descansar. [...] Eu tinha uns 13 ou 14 anos de idade.⁶⁰

Essa vivência de Candiero talvez possa ser traduzida nas palavras de Halbwachs, onde ele diz que “é por isso que dizemos algumas vezes de alguns homens que eles não tiveram infância, porque a necessidade de ganhar seu pão, impondo-se a eles muito cedo, forçou-os a entrar nos domínios da sociedade onde os homens lutam pela vida [...]”.⁶¹

Para o poeta, um rol de situações o levaram a amadurecer mais rápido. Segundo suas palavras: “ser aceito no grupo dos mais velhos, encontrar pessoas de outros bairros, estudar a noite na escola nova, um espaço mais sociável, se apresentar com o grupo de dança e trabalhar como servente de pedreiro, tudo isso acelerou meu crescimento”⁶².

⁵⁸ HALBWACHS, Maurice. Op. Cit., p. 41-42.

⁵⁹ Conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente, em seu artigo 2º. “Considera-se criança, para efeitos desta lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquele entre doze e dezoito anos de idade.

⁶⁰ CANDIERO, Adegmar José, REINEHR, Melissa. Op. Cit., p. 30.

⁶¹ HALBWACHS, Maurice. Op. Cit., p. 42.

⁶² CANDIERO, Adegmar José, REINEHR, Melissa. Op. Cit., p. 28.

Ao elaborar essas memórias muitos anos depois, o adulto Candiero as usa para mostrar a injustiça não apenas do silenciamento da história dos afrodescendentes, mas do tratamento dispensado à crianças e adolescentes dessa condição; e com o agravante ainda da pobreza como condição social. Aquilo que era percebido como talvez ‘normal’ no momento do fato, é percebido no trabalho de memória como injustiça, e denunciado. Contando agora, como já apontamos, que há uma lei obrigando todas as pessoas envolvidas com Educação a verem e ouvirem essas histórias.

É possível encontrar outras passagens em que Candiero ressalta o encontro com a discriminação, com o preconceito. São lembranças de dor, de mais temas sensíveis os quais, por muito tempo, quem as viveu, preferiria o silêncio; por inúmeros razões. Nas palavras de Pollak, “essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos”.⁶³

Pollak prossegue explicando que muitas reminiscências, por mais sensíveis que possam ser, podem servir para denunciar seus algozes, “a organização das lembranças se articula igualmente com a vontade de denunciar aqueles aos quais se atribui a maior responsabilidade pelas afrontas sofridas... [...]”.⁶⁴

Nesse sentido, Candiero diz, por exemplo, que:

Eu sempre me interessei pelos nomes dos lugares. O Bento, por exemplo, foi um Governador do Estado e uma das pessoas que propagaram esse discurso eugenista de branqueamento do Paraná. [...] Esse jargão eugenista eu nunca tinha ouvido. Foi ele que me levou a descobrir os horrores que eu não gostei de saber que existiram e ainda existem, inspirando tantos intelectuais em nosso Estado.⁶⁵

Como podemos perceber, ele procura contestar, através das palavras, a história oficial por muito tempo difundida. Suas referências, portanto, estão em pesquisadores como: Ricardo Costa, Romilda Oliveira, Marcilene Garcia Souza, Clóvis Moura, Inami Custódio Pinto, além de histórias das Comunidades

⁶³ POLLAK, Michael. Op. Cit., p. 6.

⁶⁴ Idem, p. 5.

⁶⁵ CANDIERO, Adegmar José, REINEHR, Melissa. Op. Cit., p. 24-25.

Remanescentes de Quilombo e de personagens afroparanaenses invisibilizados. Seja a nível de estado ou de município, o princípio é o mesmo: “esse trabalho de ensinar não começou porque eu escolhi ensinar, mas porque a minha vida me legitimou a falar das coisas que eu aprendi de uma forma empírica”⁶⁶. Para além de intelectuais, que escrevem apresentando o outro lado da História, Candiero tem sua própria vida, aquilo que somente ele pode expressar, como experiência para luta e reivindicação de um povo ora excluído.

Mais que experiências de vida, Pollak ressalta as conjunturas, “distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado. Conforme as circunstâncias, ocorre a emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um ou outro aspecto”.⁶⁷

Podemos entender que a escolha por narrar do passado os fatos difíceis, para além de utilizar um momento favorável do ponto de vista legal e político, se articula com uma outra temporalidade: o futuro. Nesse sentido, a denúncia do tratamento dado aos afrodescendentes e sua história pode servir – e serve efetivamente – para que o futuro da comunidade como um todo seja diferente desse passado difícil, e desse presente em que é preciso mostrar e convencer as pessoas de que essas coisas aconteceram de fato, e são relevantes.

Voltando as reminiscências sensíveis de Candiero, temos diversas passagens, ligada a uma experiência traumatizante, mas que também ajudaram a construí-lo enquanto ser humano.

Lembro da pré-escola, no Olaria. Eu não tinha bolsa e sapato adequados e lembro do tratamento diferenciado que recebia sem entender o porquê. Entendi algum tempo depois, percebendo como a professora do primeiro ano, no Roça Grande, tratava a mim e as minhas colegas negras. Qual era o problema dela com a nossa cor? Por que ela dizia que o nosso cabelo era “ruim”? Cheguei a ter pesadelo achando que meu cabelo ia me atacar. Hoje eu percebo que esse desdém, esse desprezo, esse descaso do racismo não alivia ninguém da pele preta, nem as crianças. Ali eu entendi que se eu quisesse desenvolver todas as minhas potencialidades como ser humano, teria que aprender a me defender. Era uma questão de sobrevivência. Como diz Mano Brow, você tem que ser duas vezes melhor para ser tratado como quase igual⁶⁸.

⁶⁶ Idem, p. 40.

⁶⁷ POLLAK, Michael. Op. Cit., p. 6.

⁶⁸ CANDIERO, Adegmar José, REINEHR, Melissa. Op. Cit., p. 19.

Essa passagem de Candiero, pode ser aprofundada a partir do pensamento do Fanon, onde o preto não pode errar:

Era o professor negro, o médico negro; eu, que começava a fraquejar, tremia ao menor alarme. Sabia, por exemplo, que se um médico negro cometesse um erro, era o seu fim e o dos outros que o seguiriam. Na verdade, o que é que se pode esperar de um médico preto? Desde que tudo corresse bem, punham-no nas nuvens, mas atenção, nada de bobagens, por preço nenhum! O médico negro não saberá jamais a que ponto sua posição está próxima do descrédito. Repito, eu estava murado: nem minhas atitudes polidas, nem meus conhecimentos literários, nem meu domínio da teoria dos quanta obtinham indulto.⁶⁹

As dificuldades, como se vê, foram muitas. A experiência do racismo sentida desde muito cedo, mas elaborada de fato com o passar do tempo “a violência explícita do racismo só apareceu quando eu namorei uma menina branca”.⁷⁰ Essa relação de um homem negro namorar uma mulher branca é problematizada por Fanon, em “O homem de cor e a branca”⁷¹, quando cita Jean Veneuse, um preto que se apaixonou por uma mulher branca, mas vê esse amor proibido. No caso de Candiero, podemos dizer que a experiência de namorar uma mulher branca foi mais reveladora, uma vez que, mais velho, pode traduzir de certa forma até mesmo aqueles acontecimentos da escola quando, criança, não entendia “qual era o problema dela com a nossa cor”.

Muitas experiências difíceis de serem expressas e mesmo compreendidas por quem não às viveu, são apresentadas por Candiero. Por exemplo, a necessidade de aprender desde muito cedo a andar em grupo: “andar em grupo era uma questão de sobrevivência. Um negro andando sozinho que encontrava uma turma poderia ser linchado, naquela época”.⁷²

Sobre o cabelo Black Power, ao falar do mestre de capoeira Altair, que usava esse estilo, Candiero ressalta o peso do preconceito e ao mesmo tempo uma espécie de inspiração: “num tempo em que a gente ainda vivia aquela

⁶⁹ FANON, Frantz. *Peles negras, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 109.

⁷⁰ CANDIERO, Adegmar José, REINEHR, Melissa. Op. Cit., p. 27.

⁷¹ FANON, Frantz. Op. Cit., p. 69.

⁷² CANDIERO, Adegmar José, REINEHR, Melissa. Op. Cit., p. 27.

perseguição de cabelo ruim, de ter que alisar, raspar ou só andar de boné, esse mestre usava um Black Power”⁷³.

Situações como ser estigmatizado como drogado, por ser preto, quando pegava uma lotação/ônibus para ir trabalhar.

Imagine o que era sair às 5:30 da manhã escutando hinos evangélicos, com aquelas pessoas olhando para a nossa cara e cantando “drogas matam, aceite Jesus”, nos torturando. Porque ninguém ali era drogado, mas o fato de ser preto induzia eles a pensar que a gente era drogado e eles precisavam salvar a nossa alma. Aquilo não fazia sentido para mim.⁷⁴

Em outros momentos, que eram de orgulho e realização para o poeta, quando o mesmo pegava o seu atabaque e caminhava pelas ruas do bairro com destino a casa de “seu” Baiano⁷⁵, o preconceito estava presente, traduzindo sua atividade como “coisas do demônio”.

Era motivo de orgulho, de alegria, de identificação e satisfação. Na minha ingenuidade, eu não fazia ideia do quanto as pessoas olhavam aquilo com desprezo. Algumas delas diziam que era um símbolo do mal, um instrumento diabolizado, uma coisa satânica. Para muitos, um preto carregando um atabaque é Magia Negra... [...].⁷⁶

Fanon explica que tudo que é relacionado ao preto é visto negativamente:

O preto é um animal, o preto é ruim, o preto é malvado, o preto é feio; olhe, um preto! Faz frio, o preto treme, o preto treme porque sente frio, o menino treme porque tem medo do preto, o preto treme de frio, um frio que morde os ossos, o menino bonito treme porque pensa que o preto treme de raiva, o menino branco se joga nos braços da mãe: mamãe o preto vai me comer!⁷⁷

Escrever sobre si, buscar nas profundezas da mente as lembranças mais dolorosas, não é uma tarefa fácil. Mas esse processo também pode mostrar um negro empoderado, que rompeu com padrões estabelecidos e, como ele mesmo

⁷³ Idem, p. 28.

⁷⁴ Ibidem, p. 30.

⁷⁵ Seu Baiano, era o treinador de capoeira.

⁷⁶ CANDIERO, Adegmar José, REINEHR, Melissa. Op. Cit., p. 31.

⁷⁷ FANON, Frantz. Op. Cit., p. 107.

diz, “eu tive banca”⁷⁸. Ele pode apresentar um pouco do que é viver como negro em um estado e município, onde impera a lógica da branquitude.

Considerações finais

Esse trabalho de lembrança (memória) e escrita (autobiografia) claramente não foi realizado apenas com intuítos literários o que, em si, já seria de grande valor, uma vez que se trata de um autor negro produzindo em um estado onde se celebra o branco, descendente de europeus, como ideal.

Trata-se, como procuramos demonstrar, de um “trabalho de memória”, de uma “memória popular”, que articula temporalidades em três níveis; isto é, presente, passado e futuro. O trabalho de lembrar e escrever, no presente, as coisas que foram vividas pelo autor, é realizado não apenas na perspectiva de uma vida individual. Como o moleiro de Ginzburg ou o padre de Levi, essa vida individual é representativa de momentos históricos, de coletividades e espaços.

O autor produz não apenas parte da obra, que é um relato de si, mas a obra como um todo, para a posterioridade, para as novas gerações compreenderem que a presença “afro-colombense” sempre existiu, embora subjugados, ignorados, apagados, em prol de uma memória branca e europeia, seguindo a lógica do Movimento Paranista - entendida neste trabalho como “memória pública”. Nesse sentido, o trabalho do presente sobre o passado visa mudar o futuro.

Não apenas um futuro em que as pessoas negras e afrodescendentes saberão que os seus fazem parte da História, mas onde as outras pessoas, que tem outras características fenotípicas e culturais, respeitarão essa história, e não serão racistas e excludentes como outras pessoas do passado foram.

É um trabalho com cunho político, que envolve as coletividades e os poderes públicos. Certamente não temos cópias perfeitas do passado traduzidas e narradas no texto. Há escolhas do autor por momentos representativos, situações chocantes (como adolescentes precisando trabalhar para sobreviver, crianças sendo hostilizadas na escola etc.) e que não são escolhidos por acaso.

⁷⁸ CANDIERO, Adegmar José, REINEHR, Melissa. Op. Cit., p. 40

Seu objetivo é claro: revelar o quanto a situação do negro foi, e é, difícil, para mexer com as consciências.

A análise histórica não pode se furtar a deixar claros esses aspectos. O sujeito que lembra não é isento de emoções, motivações e vontades. E a lembrança é sempre seleção. Nesse caso, ainda, lembranças selecionadas e dispostas de forma a construir uma narrativa específica. Por outro lado, o cidadão, consciente da análise acadêmica, também não pode se furtar a entender e tomar lado nessa questão; e o lado a tomar é certamente o de não permitir que o futuro seja igual ao passado que o autor descreve em sua autobiografia.

Referências bibliográficas

AVELAR, Alexandre. *A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões* *Dimensões*, vol. 24, 2010, p. 157-172.

AVELAR, Alexandre; SCHMIDT, Benito Bisso. Dois historiadores falam sobre biografia e escrita biográfica (Entrevista). Entrevista concedida a Bruno Leal Pastor de Carvalho. In: *Café História – história feita com cliques*. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/biografia-e-escrita-biografica/>. Publicado em: 21 nov. 2017. Acesso: 27 de jul de 2023.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade*. Lembranças dos velhos. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BOURDIEU, Pierre. Algumas propriedades dos campos. In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte*: Gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CANDIERO, Adegmar José, REINEHR, Melissa. *História e cultura afro-colombense: rompendo o consenso da invisibilidade e a visibilidade do consenso*. Colombo: Editora Humaita, 2021.

COLOMBO, Prefeitura de. *Guia Histórico Cultural de Colombo*. 2ª ed. 2011.

FANON, Frantz. *Peles negras, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. In: *Estratégia, poder-saber*. Ditos e escritos IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p.203-222.

FROTSCHER, Méri e OLINTO, Beatriz Anselmo. Narrativas de sofrimento, narrativas de formação: reflexões sobre a autobiografia de uma refugiada da Segunda Guerra Mundial. IN: MARMITT, Wadi, Yonissa (org.). *Narrativas sobre loucuras, sofrimentos e traumas*. Curitiba: Máquina de Escrever, 2016.

GINZBURG, Carlos. *O Queijo e Os Vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOMES Jr. Guilherme Simões. *Palavra Peregrina*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

GRUPO MEMÓRIA POPULAR. Memória popular: teoria, política, método. In: FENELON, Déa Ribeiro et al (Orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho D'Água, 2004.

HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. Tradução: Laurent Léon Schaffter. São Paulo. Ed. Vértice, 1990.

KARNAL, Leandro e NETO, José Alves de Freitas (orgs). *A escrita da História: interpretações e análises documentais*. São Paulo. Instituto Cultural Banco Santos, 2004.

LE GOFF, Jacques. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LE GOFF, Jacques. *Comment écrire une biographie historique aujourd'hui? Le Débat*, n. 54, mar./abr. 1989.

LE GOFF, Jacques. *Saint Louis*. Paris, Gallimard, 1996.

LEJEUNE, Philippe. El pacto autobiográfico. In: DOBARRO, Ángel Nogueira (Org.). *La autobiografía y sus problemas teóricos*. Barcelona: Antropos, 1991.

LEVI, Giovanni. *A herança imaterial*. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LEVI, Giovanni. Os usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996.

MACHADO, Rodrigo Vasconcelos (org). *Atas do III Simpósio Internacional de Literatura Negra ibero-americana*. Curitiba: UFPR/SCHLA, 2017.

OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de, ROSA, Maria Nilza Barbosa, MARIANO, Nayana Rodrigues Cordeiro. *Espaços da Recordação: formas e transformações da memória cultural*. RACIn, João Pessoa, v. 5, n. 1, p. 1-6, jan./jun. 2017.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Tradução: DENISE Bottmann. Ros de Janeiro: editora Paz e Terra, 1988.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3- 15.

REINEHR, Melissa. Apresentação. In: CANDIERO, Adegmar José, REINEHR, Melissa. *História e cultura afro-colombense: rompendo o consenso da invisibilidade e a visibilidade do consenso*. Colombo: Editora Humaita, 2021.

REVEL, Jacques (org). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Tradução: Dora Rocha. - Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

RICOEUR, Paul. *Entre mémoire et histoire*. Projet, Paris, n.248, 1996.

SANTOS, Romilda Oliveira. Zelador Candiero, a poesia como forma de resistência. In: RAGGIO, Ana Zaiczuk, BLEY, Regina Bergamaschi, TRAUZYNSKI, Silvia Cristina. *Abordagem histórica sobre a população negra no Estado do Paraná*. V.2, Curitiba: SEJU, 2018.

SANTOS, Yuri Andrei Batista e TORGA, Vânia Lúcia Menezes. Autobiografia e (re)significação / Autobiography and (Re-)Signification. *Bakhtiniana*, São Paulo, 15 (2): 119-144, abril/jun. 2020.

THOMSON, Alistair. *Recompondo a Memória: questões sobre a relação entre História Oral e as memórias*: Projeto, São Paulo, (15), abr. 1997, p. 51 -84.

THOMSON, Alistair. Memórias de Anzac: colocando em prática a teoria da memória popular na Austrália. *HISTÓRIA ORAL*, 4, 2001, p. 85-101.

Recebido em 19/10/2023
Aprovado em 20/12/2023